

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 13 de dezembro de 1903
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



FESTA Á VIRGEM

D'ENTRE todas as consagrações que a religião de Christo impoz aos seus crentes, nenhuma tem o condão que tanto nos toque na alma como aquella que rende preito e amor á Virgem.

E' facil amar aquella estatuasinha, aquella perfil formoso que se estadia na sua decura por cima do lucilar dos lumes e do perfume das flores.

E' quasi necessario, na amargura que torce o homem na lucta quotidiana, que o vulto d'aquella que nos traz ao espirito o ideal da Familia, nos appareça alcandorado de graça, aureolado de ternura.

A festa a N. Senhora da Conceição, realisada na terça-feira ultima, foi, alem do muito respeito que ella inspira, um mimo suggestivo, onde a luz, a musica e as flores, n'um inebriamento que entontece, nos tornam reverentes e mysticos.

O coração do homem, propenso ao amor, suggeita-se ao seu imperio sem pretender inquirir-lhe as causas; d'ahi, essa commoção que a magestade do templo nos provoca nas suas mais brilhantes festas.

Por isso, quando assistiamos terça-feira á solemnidade em homenagem a Nossa Senhora, pu-

demo apreciar á disposição artistica da armação, deliciar-nos com a orchestra que, regida competentemente, avivava, na sua harmonia, essa emoção misteriosa com que a musica sabe fallar ao coração da homem.

O discurso, proferido em honra de Nossa Senhora, pelo distincto orador sagrado, snr. Padre Fontinha, foi, a nosso ver, uma primorosa oração, toda recamada de opulencias litterarias, e onde um sopro de poesia fez congraçar a substancia com a belleza da forma.

Devido a uma gentil amabilidade de s. ex.ª, que muito nos honra e que nós fervorosamente agradecemos, podemos dar hoje aos nossos caros leitores tres excerptos do magnifico discurso que seguidamente transcrevemos:

No exórdio, referindo-se á queda edenica;

«Collocou Deus a Eva no paraizo, dando-lhe encantos mil para fruir e venturas ineffaveis para lograr:—deu-lhe o sol vivificante, deu-lhe a luz creadora, deu-lhe a amenidade da vegetação, deu-lhe o cicjar das auras, deu-lhe o loirejar dos fructos, deu-lhe o murmurio das limphas, deu-lhe a musica dos passarinhos e a orchestração das espheras, deu-lhe o azul diaphano do firmamento e o fulgor limpido das estrellas, deu-lhe a figura esbelta, a formosura angelical e a pureza etherea; e, como se tudo isto ainda fosse pouco, inculpiu-lhe no coração o amor puro, que lenimenta e balsamisa, collocando lhe em frente o proprio objecto d'esse amor.

A ambição estulta, porém, vence a argila que o sopro de Deus animou e adornou, e á ambição segue-se a queda—queda fatal, ingente e pavorosa.

A ventura omimoda segue-se a dor que esmaga; á paz serena e doce segue-se a lucta ingloria; á perfeição integra segue-se a culpa ominosa; sempre e em tudo como coeeficiente a desagregação e a morte! ...»

No corpo do discurso, apontando a Virgem como modelo do que deve ser a mulher:

«Crysol onde se depuram todos os sentimentos, cadinho onde se aquilutam todas as affectividades, thermometro por onde se affere o calor de todas as almas, filtro maravilhoso que dá força, cohesão e amor á familia e que dá apoio seguro e garantia inquebrantavel para o grande edificio social, erguido sobre o bem e illuminado pelo sol esplendente da justiça, Maria é, sobretudo no seu perfil de Mãe purissima, o modelo mais lidimo, mais apurado e mais imponente do que deve ser a mulher neste deserto da vida em que peregrinamos.

E, porque a mulher é o anjo do lar, e porque o lar é o santuario da familia, e porque a familia é a base das nacionalidades, e porque as nacionalidades são os elos do mundo, segue-se consequentemente que Maria é a norma ideal de todo o viver no universo inteiro.

Porque, a mulher d'hoje não pode ser nem deve ser o que era a mulher da antiguidade oriental, sujeita aos maiores aviltamentos, sobre a qual o homem tinha direitos de vida e de morte, que arbitrariamente applicava; não! Nem pode ser o que era a mulher grega, que ou vivia escondida, e portanto inutil, nos gyneceus, ou á luz baça das degradações, afferida pelas Aspacias, em que só a volupia imperava; tambem não! Nem pode ser o que foi a mulher romana, vaso de corrupção e de crueldade, Messalina ou Cleopatra, conspurcando sempre, imbecilisando sempre! Nem pode igualmente ser o que foi a mulher medieval, embrenhada em mil fanatismos e superstições. Muito longe d'isso!

A mulher holierna tem um altissimo papel a cumprir na formação dos caracteres individuais, na ordem, no amor e na paz da familia e por conseguinte no evolucionar sempre progressivo e sempre crescente das sociedades em geral.

Depois, terminando por uma saudação á Virgem:

«Salvé, Rainha dos ceus e da terra, doce Dominadora das nações, meiga Imperatriz universal! A natureza inteira proclama a vossa realeza! O sol quando desponta no oriente, a lua quando donairoosamente percorre o firmamento, as estrellas que recamam a abóbada celeste, o mar bramindo na sua immensidade, o leão rugindo no deserto, o rouxinol desferindo junto do arroio as suas volatas melodiosas, a flôr abrindo o tenro calix ao humido beijo da noite, todos os seres, enfim, vos exaltam como Soberana augusta, cujo diadema é constellado de bençãos e cujo e cabello é marchetado de graças!...»

PERFILÕES MASCULINOS

E' cortez e delicado
bem que alegre e brincalhão.
Quasi da minha estatura,
mas muito mais figurão.

E' franco; e testemunha
é essa Apulia encantada
de como elle, durante os banhos,
recebe a rapaziada.

E' dilettante nas artes.
Um parodista afamado.
e, no jogo de bilhar,
um amador celebrado.

E na caça? Isso é pimpão!
não ha nada que lhe escape.
Não digo coelhos ou lebres,
(não são coisas que elle rape!)

Mas mesmo a um carro de matto,
em que pretenda acertar,
só por um grande descuido
póde a pontaria errar.

E' novo, fresco e galante,
divértido e jovial.
Mora na rua Direita
—*Ouvivosa Real*—

Ad'vinha, leitor amigo.
Seu nome rima com nuca.
Tem piada na conversa.
Vê lá se o conheces...

Juca.

Notas da semana

Um tempo triste, enfadonho. Ha alguns dias que a chuva não deixa de nos atormentar com o seu constante zumbido, estralejando finamente nas pedras das calçadas.

O ceo pardo; a terra, lamacenta.

Pelas ruas, pouca gente. Só de tempos a tempos apparece qualquer vulto, caminhando apressadamente, emborlhado em borracha por fóra e—quem sabe?—talvez com borracheira por dentro...

Estamos na nossa redacção. Sentamo'-nos para escrever as notas da semana. Olhamos para fóra a ver se nos acode a inspiração. Mas nada. Só vemos lá adiante um montão de pedras, indistinctamente aglomeradas.

Trata-se, talvez, de remeajar algum edificio.

E o assumpto nada de vir! Passamos em revista os casos palpitantes da semana .. e nada nos palpita.

Falar de quê? Da festa da Santa-Casa?

Isso é assumpto serio de mais. Não se coaduna com esta secção—que deve ser um archivo de casos para rir e não de coisas mysticas, religiosas, que nos tragam á imaginação o throno da Virgem com os seus anjinhos envoltos em algodão em rama; que nos recordem as velas bruxoleando tristemente, as capas negras dos *irmãos*, as vestimentas dos padres com o seu tom amarello, o ambiente carregado d'incenso, etc. etc.

Isso não deve ser trazido para aqui.

E chegamos então á conclusão de que nada aconteceu durante a semana de molde a provocar o riso do leitor. Uma ausencia completa de casos espirituosos—nem que fosse, ao menos, com espirito . . . de vinho.

Em vista, pois, da falta de assumpto, vemo-nos obrigados a desistir de escrever as notas da semana.

E ah! ficam umas verdadeiras notas... falsas.

ZÉ DA MÃO

José Joaquim de Oliveira foi sempre o nome do Zé da Mão.

Porém, quando, por alvará regio de 1880, foi nomeado sacristão-mór da nossa Insigne e Real Collegiada, adoptou a alcunha de Zé da Mão, pelo celebre amor filial que o distinguia, amor que por egual consagra hoje á Santa Madre Igreja.

*

Zé da Mão a par de muitas obrigações do seu cargo—aliás total remunerado (pois percebe o rendimento total dos antigo conegos)—tem a de se agarrar aos bidualos e... dar que dar, desde o repique a baptisados ao dobre de finados, etc.

Nos dias de grande gala é quem tambem toca artisticamente os sinos, em completa, perfeita harmonia, com o celebre sino do municipio que, quando algum pimpolho real faz annos, é ouvido em duas leguas em redor.

*

Tôdo o homem tem o seu fraco e o Zé da Mão gosta do vinho, no que é forte.

(Vão lá entender esta algaraviada).

Em o dia de N. Senhora da Conceição, Padroeira do Reino, o Zé da Mão—para que o dia não passasse despercebido—atirou-se ao de meio tostão e não sabemos que contas fez que, dentro em pouco, estava entre as 10 e as 11.

A's horas precisas da noite o sino do relógio tocava desesperadamente a gala e Zé nada de apparecer para o despique, no repique.

*

Remato: A esposa do nosso sacristão-mór afflicta, procurou-o e assim que o encontra, zás, foi-lho á cara o dizem-nos que parecia que estava agarrada ao sino grande.

Virou o Zé á capucha . .

Assemblêa Barcelense

O sr. Ilderick Orloff, que se encontra de passagem n'esta villa, realisa hoje, ás 8 1/2 da noite, na Assemblêa, uma sessão de ventriloquia e prestidigitación, para a qual são convidados a assistir os socios e familias.

E' de esperar selecta concorrência.



—Venham atrás de mim como um raio á Papellaria Soucasaux.

—Ha lá alguma coisa que se coma . . .

—E olhe que ha: cacau, que não é irritante como o café nem produz embaraços gastricos como o chocolate e... a 180 a lata de 125 grammas e 300 reis a lata de 250 grammas. Mas eu não vou agora ao cacau, mas ás agendas que lá se vendem: Gabinete, a 360 reis; Portuguêsa, a 200; Bolsista, a 160; de lembranças (Lopes & C.ª) a 360; idem de Gaspar Pinto de Souza, a 300 reis.

—E são pelo mesmo preço que nas casas editoras?

—Olaré!

—Espere que eu vou consigo mercar uma.

EXPEDIENTE

A «Lagrima» sairá á luz em todas as semanas que decorram d'esta á primeira de janeiro, em razão d'alguns atrasos que tem tido na sua publicação.

PAES DE FARIA

Noticias de Espozende

«Não se é propheta em sua terra» diz lá o velho rifão.

E é certo; o nosso patricio 'stá fazendo um figurão.

Vae andar de bicycleta, segundo ha pouco soubemos . . .

Ha'rá alguma que lhe sirva?

Franqueza, não percebemos.

CHRONICA A RIR

*Scientifica politica litteraria humoristica
financeira artistica theatral bibliogra-
fica e... mais nada.*

Metempsicose — O Lusitano

Não sei se alguns dos meus leitores já terá lido o «Illustre Dr. Matheus». Acabei eu agora de o ler, ficando com uma grande impressão do assumpto de que trata romanticamente — a metempsicose — e disposto a escrever algumas linhas sobre tão alta sciencia.

... Mas nem todos os leitores saberão o que isso é...

Um palavrão como tantos outros que dizendo muito na theoria significam zero na pratica.

Pretendem alguns philosophos que a transmigração das almas dum corpo para outro seja mais que uma utopia — pura realidade.

Não o contesto nem o affirmo, pois não disponho de dados para isso, nem mesmo que dispuzesse o faria, pois os tempos estão muito bichudos e chegamos ao triste apuro de um pobre chronista não poder manifestar as suas «opiniões».

O caso é que a tal transmigração das almas é uma philosophia muito *bexigueira*...

Estudando valentemente o assumpto chego á seguinte conclusão: — se causa duvidas, ha factos que provam demasiado as suas theorias!

Ha por esse mundo de Christo homens tão differentes uns dos outros que impossivel é serem as suas descendencias primitivas as mesmas — de Adão e Eva, segundo resa a folhinha.

Comparemos, por exemplo, o Joaquim Pegas, o Belita e o Manoel Chiné.

Que differença!

E se a descendencia da Humanidade fosse a mesma não seria ella equal com pequenas excepções e não desigual como é?

São estas poderosas razões e fortes argumentos que me levam a crer algo na metempsicose.

Por exemplo:

—O que é o Belita?..

Sem duvida alguma a alma duma rapoza, incorporada naquelle naco de carne!

—O que é o Pêgas?..

Innegavelmente descendente dum porco cuja predilecção na comida é a boteifa, acepipe este por que aquelle parceiro daria uma perna ao diabo ou mesmo as duas, se ainda pudesse ficar com outras.

O Manoel Chiné, á face desta sciencia, não passa duma alma de esponja a animar com vida uma dorna de carne.

... Etc.

Mais casos poderia apresentar; reservo-me, porém, para o proximo numero, pois receio que o leitor tome alguma indigestão de riso — o que

aliás me compromettia sériamente perante a alta sociedade,

Passo a chronicar outro assumpto.

*

O Lusitano.

Eis duas palavras que foram proferidas ultimamente por milhares de boccas.

A questão toda resume-se nisto: *ir no balão*. Ora no balão vou eu quando minha mulher me apresenta a conta da modista...

O que não admira mesmo nada, pois o balão é hoje uma coisa tão conhecida que até é obrigatoria nas damas que se vestem *á la ultime mode* de Paris.

As saias são de balão...

As blusas são de balão...

As mangas d'estas tambem...

De maneira que o balão foi o assumpto obrigatorio nas amenas cavaqueiras barcellenses.

Não me proponho reproduzir senão uma pequena parte:

Tem a palavra o Juca, bastante entendido na materia:

—Ora adeus! Ao fim de certo tempo, com a velocidade do aerostato, os homens desnortearam-se a ponto de manobramos erradamente!

Responde logo o Freitas a quem a palavra *desnortearam-se* fez mossã:

—Como se podiam elles desnortear se o balão caminhava para o sul?

Apoiado!

Calino.

Um punhado de mentiras

N'um jornal funchalense «O Direito», de 1 do corrente, vem publicarlo um annuncio em que Antonio Joaquim Nunes Diabo e João Nunes Diabinho, agradecem ás pessoas que assistiram ao funeral da mãe.

*

—O' sr. Seraphim Baptista: quem é Deus?

—E' minha mulher, sr. D. Prior.

—Homem! Isso é lá graça que se diga. Graças a Deus, muitas; graças com Deus, nenhuma.

—Perdão... Eu dou razão do meu dito. Quando minha mulher recolhe á cama costuma exclamar: «Com Deus me deito, com Deus me levanto, com o espirito do Padre e do Divino Espirito Santo». Ora como ella dorme só comigo, logo eu é que sou Deus!

CUMULOS

Um gastronomo comer a cabeça... a um parceiro.

O zelador Dias ir para a Camara... ardente.

O Alfaiate José do Cruz dar o nó... górdio.

O architecto Ferreira de Faria tirar uma planta... dos pés.